

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: _____

Data: 09.01.75

Pg.: _____

Quando atacam, índios só querem preservar a terra

ESP-9.1.75

Da Sucursal

"É preciso que a opinião pública, de uma vez por todas, fique sabendo que os waimiris-atroaris não são um bando de selvagens assassinos, como procuram demonstrar certos setores, provavelmente para justificar uma futura expedição punitiva contra os índios, os quais, como todos os seres humanos, estão interessados apenas em conservar suas terras, estas, sim, ameaçadas de usurpação pelos brancos civilizados".

Esta denuncia foi feita ontem pelos antropólogos Roque de Barros Laraia e Alcida Rita Ramos, ambos da Universidade de Brasília, onde o primeiro chefia o Departamento de Ciências Sociais. Segundo eles, somente a paralisação temporária da construção da rodovia Manaus-Caracará permitirá a pacificação dos waimiris-atroaris.

Alcida Ramos explicou que a retirada dos funcionários da Funai da área dos atroaris, por alguns meses, como sugeriram os irmãos Villas-Boas, de modo a privar os índios dos presentes que os sertanistas levavam a eles e, assim, fazê-los sentir-se punidos, seria "uma faca de dois gumes". Esclareceu a antropóloga que haveria nisso "um sentido negativo, pois a retirada da Funai prejudicaria a imagem dos índios perante a opinião pública nacional, que passaria a ver neles um bando de assassinos, e, por outro lado, a saída da Funai permitiria a outros setores agirem indiscriminadamente na Amazonia, e ninguém

podé prever o que eles então fariam".

RESSENTIMENTOS

Segundo Alcida Ramos, eram previsíveis os últimos ataques dos atroaris repelindo com violência os sertanistas, "pois é evidente que a pressão em torno das terras dos índios aumentou, provocando a reação natural. E, enquanto crescer a pressão, pode-se esperar na mesma proporção a radicalização indígena. Afinal, os índios isolados nunca atacam os brancos se contra eles não possuem queixas. Se atacam, é porque têm queixas dos brancos, nem que sejam de um passado remoto".

O professor Roque de Barros Laraia insiste em que "não adianta tentar a pacificação dos atroaris enquanto se estiver construindo a estrada atrás deles. A estratégia de pacificação até agora tentada pela Funai está certa e não tem o que mudar, mas ocorre que na maioria das vezes não existiam pressões tão fortes como agora. Por isso, de nada adiantará o esforço pacifista da Funai enquanto as máquinas estiverem no território dos índios. A construção da estrada é que deveria ser interrompida até que estivessem pacificados os atroaris".

Segundo Roque Laraia, as revoltas indígenas não podem ser tomadas como "uma defesa contra os homens da Funai, mas contra as máquinas que estão invadindo as terras deles".

"Por isso, mesmo que a Funai e os próprios construtores da estrada agissem com os maiores cuidados, haveria sempre possi-

bilidade de retaliação por parte dos índios, provocada por pressões de brancos de outros setores, como os fazendeiros. E mesmo que os brancos interessados nas propriedades indígenas os hostilizassem do outro lado da área, de um ponto em sentido contrário ao da estrada, é certo que os atroaris viriam retaliar aqui do outro lado, junto aos construtores da rodovia".

VONTADE DE COLABORAR

Os professores aprovaram a possibilidade levantada pelo presidente da Funai, general Ismarth Oliveira, de antropólogos serem convocados para discutir com seus sertanistas e funcionários a política de atração e pacificação indígena, "pois, quanto mais pessoas puderem pensar e colaborar no assunto, melhor".

"O único problema, por enquanto, é que os antropólogos não conhecem os waimiris-atroaris, ignorando sua organização política e como eles exploram seus recursos naturais, ou seja, a dimensão do terreno de que necessitam para se manter. Há antropólogos bem dispostos a ir lá, conhecer os atroaris, mas isso ainda é peri-

goso. Porém, assim como não basta a participação do antropólogo, ele, de qualquer modo, poderia colaborar com seus conhecimentos teóricos e práticos adquiridos em outras áreas" — acrescentou Alcida Ramos.

Roque Laraia afirmou que "os antropólogos gostariam de discutir a situação com a Funai, embora saibam que ela dispõe de sertanistas bem preparados. Mas, assim como a Funai reuniu-se com missionários, poderia reunir-se também com antropólogos".

Ambos acrescentaram que essa participação seria possível principalmente por causa do "clima de bom entendimento que está havendo no relacionamento entre a Funai e antropólogos, e que melhorou ainda mais depois da participação, no mês passado, do general Ismarth Oliveira na reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em Florianópolis".